

RIASE

REVISTA IBERO-AMERICANA DE SAÚDE E ENVELHECIMENTO
REVISTA IBERO-AMERICANA DE SALUD Y ENVEJECIMIENTO

EDITORIAL

Lucinda Carvalho - Age.Comm (Unidade de Investigação Interdisciplinar - Comunidades Envelhecidas Funcionais/Research Building Functional Ageing Communities), Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco, Portugal.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0549-4666>

Autor Correspondente/Corresponding Author:

Lucinda Carvalho - Instituto Politécnico de Castelo Branco, Portugal. lucindasofia@ipcb.pt

DOI: [http://dx.doi.org/10.24902/r.riase.2020.6\(2\).473.134-136](http://dx.doi.org/10.24902/r.riase.2020.6(2).473.134-136)

©Autor(es) (ou seu(s) empregador(es)) e RIASE 2020. Reutilização permitida de acordo com CC BY-NC. Nenhuma reutilização comercial.
©Author(s) (or their employer(s)) and RIASE 2020. Re-use permitted under CC BY-NC. No commercial re-use.

VOL. 6 N.º 2 AGOSTO 2020

O envelhecimento da população introduziu na sociedade portuguesa contemporânea a necessidade de olhar para o(s) processo(s) de envelhecimento com uma perspetiva em que se interliguem os aspetos económicos, sociais, culturais, biológicos, ambientais, conhecendo os contextos socio-ambientais em que ocorre, de modo a procurar respostas diferenciadas e direcionadas para uma população, com distintas características pessoais e sociais. Por isso, é fundamental analisar a forma como as comunidades lidam com os processos de envelhecimento, para definir estratégias que promovam não apenas o bem-estar e autonomia das pessoas idosas, mas também a manutenção no seu meio envolvente (*aging in place*) e a sua integração, participação e implicação na vida local e no desenvolvimento dos territórios. Intervenção que deve passar por atuar ao longo da vida e do ciclo vital das pessoas, por forma a prevenir a dependência, melhorar as condições de vida em qualquer idade e envelhecer da melhor forma.

A Age.Comm - *Unidade de Investigação Interdisciplinar - Comunidades Envelhecidas Funcionais*, do Instituto Politécnico de Castelo Branco, ao juntar um conjunto de investigadores de diferentes áreas científicas, desde as ciências sociais e do comportamento, educação, das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e de várias especialidades das ciências da saúde, procura precisamente compreender o fenómeno do envelhecimento das populações, o seu objeto de estudo, numa ótica sistémica e ecológica. Torna-se necessário reconfigurar o quadro investigativo que analisa as repercussões deste fenómeno, o que exige novos planeamentos e capacidade adaptativa/funcional por parte das comunidades. O seu território de estudo é principalmente, mas não de forma exclusiva, o interior, que concentra os concelhos com os maiores níveis de envelhecimento do país. Pretende-se, assim, juntar a investigação académica a uma necessidade social, política, biomédica e económica, respondendo diretamente às comunidades e aos seus decisores com implementação de medidas que assegurem a funcionalidade individual dos idosos assim, como a longevidade sustentável dos suportes sociais.

Assim, a Age.Comm tem como missão compreender o fenómeno do envelhecimento das populações, particularmente a análise da forma como as comunidades dos territórios mais envelhecidos do interior português lidam com os processos de envelhecimento, contribuindo para o desenvolvimento de comunidades funcionais, através da produção e disseminação de conhecimento que apoie a definição de estratégias que possibilitem o bem-estar e autonomia das pessoas idosas, a sua integração e participação na vida local e no desenvolvimento dos territórios.

Avançamos no tempo, progredimos em cada fase da História, com evoluções sucessivas e onde a melhoria generalizada das condições de vida, tanto nas dimensões sociais, como económicas e de acesso a cuidados de saúde, tiveram um impacto positivo no aumento da

esperança média de vida a par da diminuição da taxa de fecundidade. Vivemos mais tempo e nascemos cada vez menos. Mas se a análise que se faz do envelhecimento tem ocorrido à volta de conceções que evidenciam este fenómeno como uma conquista das sociedades modernas, também existe a preocupação por compreender o seu impacto no alojamento, saúde, dependência, coesão social, solidariedade intergeracional, promoção de um envelhecimento ativo. Os desafios estão claramente identificados, mas a verdade é que não estamos totalmente preparados, nem institucional, nem socialmente para lidar com todas as consequências e impactos que decorrem do envelhecimento da população.

Os alicerces fundamentais da sociedade são a sustentabilidade, a economia e a educação, cabe-nos encontrar uma razão que permita manter este triângulo equilátero. Começamos pela sustentabilidade, estamos numa das regiões mais envelhecidas da Europa, no interior do país, com uma manifesta dificuldade em assegurar às populações e, principalmente, às mais idosas oportunidades equitativas. Na economia a região apresenta níveis médios de renda mensal abaixo do que se encontra no resto do país, já quanto à educação, tem-se verificado melhorias significativas.

Na verdade, o modelo de desenvolvimento que tem sido adotado em Portugal conduziu à redistribuição da população, cujo efeito foi uma maior concentração das atividades e equipamentos nas zonas mais densamente povoadas do litoral. O reverso são os territórios de baixa densidade, que correspondem aos municípios do interior do país, e que juntam o despovoamento, o envelhecimento da sua população e a debilidade do seu tecido económico, refletindo as assimetrias socioeconómicas que se verificam no país.

Por outro lado, uma parte significativa da população idosa não tem neste momento autonomia e capacidade de escolha porque as condições existentes não o permitem, as estruturas de suporte social têm de estar adaptadas de forma a dar ao idoso uma verdadeira capacidade de escolha. Se dotarmos cada decisor de um conjunto de factos baseados na evidência, informações concretas sobre soluções e medidas a implementar, permitimos aos políticos, empresários e indivíduos um novo caminho sem que necessariamente a visão da demografia seja apenas a visão de um destino alarmante.

Neste quadro existem, portanto, múltiplas interrogações, múltiplas problemáticas que é preciso investigar e aprofundar através de um diálogo multidisciplinar. Foi esta convicção que esteve na origem da organização, pela Age.Comm, do *1.º Congresso Internacional Comunidades Envelhecidas Desafios para o Desenvolvimento*, que se realizou em Castelo Branco, entre os dias 14 e 16 de novembro de 2019, em interligação com os eixos de atuação desta unidade de investigação: desenvolvimento de investigação aplicada, inovação e transferência de conhecimento, contribuindo para a formação na área do envelhecimento

nos domínios da qualidade de vida, inclusão social, funcionalidade (dos indivíduos e das instituições) e desenvolvimento humano. Este congresso teve como objetivo refletir e discutir as problemáticas das sociedades envelhecidas, sempre numa abordagem integrada e multidisciplinar, numa perspetiva do indivíduo e dos ciclos de vida, mas também das comunidades. Juntou investigadores e profissionais de áreas e formações diversas que pensam de forma positiva o desenvolvimento das comunidades envelhecidas, criando oportunidades para uma visão de sociedades que potenciem um envelhecimento ativo, através da interligação dos diferentes fatores. O congresso organizou-se à volta de quatro linhas temáticas principais, cuja abordagem esteve a cargo de especialistas, e pretendeu contribuir para a construção de linhas estratégicas que respondam aos desafios sociais associados à complexidade e dinâmica do envelhecimento: *Desenvolvimento Humano, Envelhecimento Ativo, Comunidades, Funcionais e Participação e Inovação*.

Os artigos que integram este número da RIASE resultam de comunicações apresentadas neste do 1.º Congresso Internacional *Comunidades Envelhecidas Desafios para o Desenvolvimento* e refletem diferentes contextos e abordagens dos processos de envelhecimento.